

O Instituto de Coimbra:

Breve história de uma academia científica, literária e artística

António José Leonardo

Doutorando da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Décio Ruivo Martins

Professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Carlos Fiolhais

Director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra



Instituto de Coimbra (IC) foi uma academia científica, literária e artística fundada em Coimbra em 1852 no sítio onde hoje é a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC) e que cessou a sua actividade nos anos 80 do século passado. Os Estatutos de 1966 definiam o seu objecto e a sua acção: destinava-se a promover “o desenvolvimento

das ciências, das letras e das artes e designadamente, a valorização da cultura portuguesa.”¹

O IC era de início apenas uma associação de professores da Universidade de Coimbra (ficou até conhecido na gíria académica como o *Clube de Lentes*²), mas foi progressivamente alargando a galeria dos seus membros ao incorporar numerosas figuras de prestígio nacional e internacional e contribuindo para a vida científica e literária portuguesa. A longa história do IC é bem representativa da evolução dos intelectuais portugueses e das suas relações nacionais e internacionais, desde os tempos da monarquia constitucional, passando pela I República e pelo Estado Novo, até à democratização que se seguiu à Revolução de 1974.

A relevância desta academia transparece do facto de Bernardino Machado, professor de Antropologia na Universidade de Coimbra (UC) e mais tarde presidente da República em duas ocasiões, ter sido presidente do IC entre 1896 e 1908. Foi ele quem teve a iniciativa de criar um museu do IC, que esteve na base do Museu Nacional Machado de Castro. Também Sidónio Pais, professor de Matemática na UC e presidente da República, foi sócio do IC. Mas muitos outros nomes das ciências, das letras e das artes foram também seus sócios efectivos ou correspondentes: Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Francisco Costa Lobo, Ricardo Jorge, Eugénio de Castro, Egas Moniz, Mário Silva, Reynaldo dos Santos, Sílvio Lima, Vitorino Nemésio, etc.

Em 2006 a BGUC incorporou o rico património bibliográfico-documental do IC, constituído por uma biblioteca – por catalogar, mas cujo número total em monografias se estima em cerca de quinze mil, para além de uma colecção de cerca de quinze mil volumes de revistas científicas e culturais – e por um arquivo também por inventariar. A biblioteca integra as próprias edições da instituição, com

1 Artigo I dos Estatutos do Instituto de Coimbra aprovados na Assembleia Geral de 10 de Novembro de 1966 e publicados por despacho ministerial de 26 de Abril de 1967 no *Diário do Governo*, III Série, de 12 de Maio do mesmo ano.

2 CALADO 1942, p. 99

Doutor Adrião Pereira Forjaz de Sampaio (1810-1874), professor de Economia Política da Universidade de Coimbra, fundador e primeiro Presidente do IC (cargo que desempenhou durante alguns meses até Outubro de 1852), foto de Henrique Nunes. Col. Alexandre Ramires



← Pormenor da parte mais antiga do Colégio de São Paulo Apóstolo muito arruinada, num desenho de Gioacomo Azzolini, da segunda metade do século XVIII (Museu Nacional de Machado de Castro, Inv. 2949;DA57)

particular destaque para a revista *O Instituto: Revista Científica e Literária* (1852-1981). Esta foi, até findar, a mais antiga revista científico-literária publicada em Portugal. Sobre ela existe publicado um volume de índices referente aos primeiros cem números, editado em 1937, com um apêndice de 1947. A prática de permuta da revista ao longo de cento e trinta anos permitiu obter revistas e publicações provenientes de academias de todo o mundo (no total de dezanove países). Depois de anos de olvido, todo este acervo bibliográfico-documental entrou na BGUC quando as instalações onde funcionou a sede do IC foram entregues à Faculdade de Direito, estando prestes a ser tratado com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

O conhecimento da história institucional das academias científicas literárias e artísticas em Portugal é bastante limitado. Apesar de os séculos XIX e XX em Portugal terem sido objecto de numerosos trabalhos de pesquisa histórica³, estão longe de se poderem considerar bem estudados. No caso em consideração, seria importante aprofundar qual foi o papel das elites universitárias na produção e transmissão do conhecimento em várias áreas da ciência. O presente estudo visa descrever de um modo geral a actividade do IC, podendo a análise do espólio possibilitar outros estudos.

FUNDAÇÃO DO INSTITUTO DE COIMBRA

Na década de 1830, em Portugal o ambiente de inovação era propício ao surgimento de novas instituições que promovessem o desenvolvimento nacional. A universidade foi reaberta em 1835, após a guerra civil, num clima de indisciplina da população escolar que ocorreu após a demissão de 46 lentes afectos à corrente absolutista. Entre as classes mais cultas sentia-se a necessidade de espaços de partilha e discussão de novas ideias e experiências, sendo a posse do saber vista como uma marca de prestígio. A constituição de espaços de tertúlia académica e de novos meios de difusão cultural promoveu o aparecimento de grupos, mais ou menos organizados, cujo objectivo era a prossecução de actividades culturais.

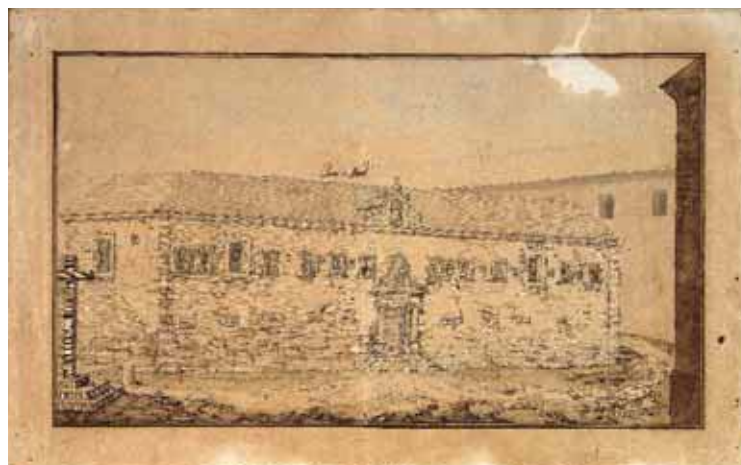
O IC foi criado num contexto histórico onde a política de Fontes Pereira de Melo, ministro da Fazenda e das Obras Públicas no primeiro governo da Regeneração do Duque de Saldanha, no reinado de D. Maria II, começava a apresentar resultados. O caminho-de-ferro e as estradas modificaram a face do país e abriram condições para estimular o desenvolvimento industrial e comercial. Paralelamente, foram concretizadas políticas liberais que davam particular atenção à instrução pública. Os primeiros estatutos do IC foram aprovados em

1852. Estes seriam reformulados⁴ e publicados num decreto governamental de 26 de Dezembro de 1859 assinado por Fontes Pereira de Melo, então ministro do reino. Antes disso, a 5 de Setembro de 1853, o governo tinha publicado uma autorização que permitia ao IC a impressão, na imprensa da UC e paga pelo Estado, da sua revista *O Instituto*. Uma das condições era que metade do espaço fosse dedicado à publicação dos relatórios elaborados pelo Conselho Superior de Instrução Pública e das listas de professores nomeados para os ensinos primário, secundário e superior em todo o país. Desta maneira, uma parte significativa da história das políticas de instrução pública em Portugal e do seu debate está descrita nos primeiros 50 volumes d'*O Instituto*.

O IC iniciou-se com a criação de um teatro de estudantes, proposto numa reunião de escolares em 1835, como forma de estes empregarem bem os seus tempos não lectivos. Este teatro académico viria, em 1837, a ser designado por Academia Dramática. Devido a divergências entre os seus membros, alguns deles demitiram-se para organizar a Nova Academia Dramática. Esta associação, composta por estudantes e lentes, foi a primeira sociedade académica a ser legalmente constituída. Foi ela que avançou para a criação de um Teatro Académico, inaugurado em 1839 dentro do edifício do Colégio de São Paulo Apóstolo (colégio que existia no local onde hoje é a BGUC e que tinha sido fechado em 1834) e de três conservatórios (Conservatórios Dramático, de Música e de Pintura), que mais tarde adoptaram a designação de institutos.

A 17 de Abril de 1849 e em resultado da reformulação dos esta-

Fachada Norte do Real Colégio de S. Paulo Apóstolo (primeira sede do Instituto de Coimbra), demolido em 1888, por ordem do Ministério de Emídio Navarro, para aí ser construído o edifício do novo Teatro Académico (Museu Nacional de Machado de Castro, Inv. 2947;DA59)



⁴ Instituto de Coimbra – *Instituto de Coimbra. Estatutos e Regulamento Interno* (1877). Coimbra, Imprensa da Universidade, 1877



Recortar

Desenho de arquitectura praticamente desconhecido, alçado setecentista da fachada principal do Real Colégio de S. Paulo Apóstolo, que se conserva no Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra (Inv. 2889;DA50)



Recortar

Desenho da fachada

Desenhado p. o port. L. de S. Paulo Apóstolo

Desenho de arquitectura praticamente desconhecido, alçado setecentista da fachada lateral do Real Colégio de S. Paulo Apóstolo, que se conserva no Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra (Inv. 2890;DA51)

tutos da Nova Academia Dramática, os três institutos fundiram-se numa só entidade com o nome de Instituto da Academia Dramática ou só Instituto. A preponderância desse instituto e a autonomia que adquiriu em relação à Academia Dramática, com excepção da vertente económica e financeira, pois o seu orçamento dependia da aprovação do Conselho dessa Academia, originou atritos entre as direcções de ambas as instituições, que culminaram na sua separação definitiva. Efectuou-se a separação entre a classe docente da Academia Dramática, com maior preponderância no Instituto onde se desenvolvia o trabalho literário e artístico, e a classe discente. No dia 3 de Janeiro de 1852 nasceu, oficialmente, o Instituto de Coimbra (IC) com a aprovação, em Assembleia-Geral do Instituto, dos seus primeiros Estatutos.⁶ Estes consagravam a nova academia à cultura das ciências, das belas letras e das belas artes. Ocupando três salas do Colégio de São Paulo Apóstolo, que herdou da sua ligação à Academia Dramática, o IC assumiu-se como centro aglutinador da cultura e das ideias em Coimbra.

A alteração do cariz dramático da academia para um cariz científico e literário resultou do reconhecimento, por parte dos membros do IC, que existiam em Coimbra sociedades recreativas e de beneficência, mas que não existia uma sociedade devidamente organizada no campo científico e literário. A nível nacional observou-se, após a Revolução Liberal, a formação de sociedades económicas, industriais ou agrícolas que privilegiavam a transmissão de conhecimentos e técnicas junto de classes sociais mais baixas, mas que não se assumiam como academias científicas. A Academia Real das Ciências de Lisboa era criticada pela reduzida actividade que desenvolvia, tornando-se necessária a concorrência de outras instituições. Num artigo publicado no *Jornal do Povo* a 12 de Dezembro de 1850, Camilo Castelo Branco afirmava que “Lisboa tem uma academia nula, incrível e inofensiva. Tem um grémio bem fundado, mal sustentado e, por fim, elanguescido, e não sei se morto com indigestão de argúcias de folhetinistas. Coimbra tem um grémio abundante, hidrópico e aposentado. O Porto nada tem que pareça indicativo de artes ou letras.” Críticas deste tipo terão porventura ajudado à formação do IC. O seu primeiro presidente, Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, lente de Direito na Universidade de Coimbra e vogal do Conselho Superior de Instrução Pública, escrevia no primeiro número da revista *O Instituto* que a “aristocracia da Ciência não é tolerável senão quando se exerce no bem público e na geral ilustração.”

O IC compunha-se de três classes, nomeadamente:

I Classe – Ciências Morais e Sociais, que compreendia as secções das ciências morais, jurisprudência e ciências económico-administrativas. Dedicava-se aos assuntos relacionados com a economia e o direito;

II Classe – Ciências Físico-Matemáticas, com secções dedicadas às ciências matemáticas, ciências físicas e ciências médicas. Pretendia incentivar o progresso intelectual e científico da sociedade;

III Classe – Literatura, Belas Letras e Artes, com secções relativas à literatura, à literatura dramática e a belas artes. Esta classe passou a integrar, a partir de 5 de Março de 1873, uma secção de arqueologia que desenvolveu um Museu de Antiguidades.

Como sociedade científica e literária, o IC era composto por sócios que, na sua maioria, eram professores e ex-alunos da Universidade de Coimbra. Distribuía-se em três categorias: honorários, efectivos e correspondentes (de acordo com os Estatutos de 1860). Para ascender à categoria de sócio honorário seria necessário adquirir o estatuto de “sábio nacional ou estrangeiro”, ou ter-se distinguido como sócio efectivo pelos serviços prestados ao IC ao longo de dez anos ou pela relevância das suas publicações. Um sócio efectivo deveria “ser pessoa de exemplar procedimento moral e civil”, residente em Coimbra e trazer vantagens científicas ou académicas, pelo mérito dos trabalhos efectuados no âmbito das ciências, belas letras ou artes. Estes sócios estavam obrigados ao pagamento de uma anuidade e a servir o IC nos cargos ou comissões que lhes fossem encarregados. Usufruíam dos seguintes direitos: frequência da biblioteca e do gabinete de leitura; um exemplar da revista *O Instituto*; voto para os cargos da direcção; assistência e participação nas sessões e publicação dos seus trabalhos desde que estes obtivessem aprovação prévia. Finalmente, os sócios correspondentes gozavam dos mesmos direitos que os efectivos, desde que estivessem de visita a Coimbra, devendo enviar para *O Instituto* trabalhos científicos, literários ou artísticos. Nos Estatutos de 1938⁶ foi criada uma quarta categoria – o sócio benemérito – reservada àqueles que prestassem ao IC “assinalados actos de benemerência”. A reforma dos estatutos de 1966, no artigo VI, extingue as categorias de sócio honorário e sócio benemérito e estabelece a de sócio emérito.

A partir de 1938, os novos estatutos estabelecem que os sócios do IC tinham também o direito de usar o colar do Instituto (Art. 9.º), sendo este constituído por uma medalha elipsoidal, representando *uma figura de Minerva, sobrepujada da legenda “Auro Pretiosior”, e no reverso os dizeres “Instituto de Coimbra – 1852”*.⁷

Para além de uma direcção, composta por um presidente, um vice-presidente, dois secretários, um tesoureiro e três directores (um de cada classe), a sociedade possuía como meios de actuação: uma biblioteca, um gabinete de leitura, uma revista própria, cursos de lei-

6 *Diário do Governo*, n.º 89, da I Série, de 19 de Abril de 1938, pp. 686 a 687, publicados também nos *Estatutos do “Instituto de Coimbra”, Academia Científica e Literária Fundada em 1852* (1938). Figueira da Foz, Tipografia Popular, Lda.

7 Art.º 15 dos *Estatutos do Instituto de Coimbra*. Figueira da Foz : Tipografia Popular, 1939

5 Os Estatutos seriam reformulados em 1860, no já referido decreto assinado por Fontes Pereira de Melo, em 1882, em 1922, em 1938 e em 1966.



Colar do Instituto de Coimbra



Insígnia representando Minerva, sobrepujada da legenda “Auro Pretiosior”

tura e uma biblioteca para todos. A biblioteca do IC continha 96 volumes em 1854, número este que foi aumentando ao longo do século e meio de existência do IC e cujo espólio a BGUC está em vias de catalogar. O gabinete de leitura funcionava numa sala das instalações do IC, com um regulamento que permitia que os seus frequentadores acessem a um conjunto de publicações portuguesas e estrangeiras muito actualizado⁸ (era notória a preponderância das revistas francesas). Os cursos de leitura, ministrados por sócios do IC e dirigidos ao grande público, eram gratuitos e ocorriam nas vésperas ou dias de feriado com a duração de hora e meia. Pretendeu-se estimular a leitura através da edição de uma *Bibliotheca para Todos – Leituras Instrutivas*, que incluía traduções de obras francesas e espanholas.

O IC iniciou a publicação d’ *O Instituto, Jornal Científico e Literário*, em 1 de Abril de 1852. A imprensa das academias, sociedades e associações desempenhou em geral no nosso país a função da divulgação científica, em particular das novas invenções e técnicas⁹, e esse mérito coube também à revista do IC (durante muito tempo “a única publicação periódica de carácter científico e literário não especializada” em Portugal). A taxa de analfabetismo em Portugal era na época muito elevada (superior a 80 por cento), apesar das várias reformas do ensino público, mas também era notório o aumento da procura por parte do público de publicações que incidissem nos conhecimentos científicos e literários mais recentes.

Com o apoio de Rodrigo da Fonseca Magalhães, que na altura pertencia ao ministério regenerador do duque de Saldanha, o IC obteve a

autorização de impressão do seu jornal na tipografia da Universidade por conta do Estado. A portaria régia de 5 de Setembro de 1853 previa que esta autorização estava condicionada à utilização de metade do espaço do jornal para publicar os relatórios do *Conselho Superior de Instrução Pública* e notícias ou outros relatórios das faculdades e hospitais da universidade. Esta portaria incluía outras concessões como a posse definitiva do espaço ocupado no Colégio de São Paulo Apóstolo, sem necessidade de pagamento de renda à Academia Dramática, uma directiva que causou muita polémica nas reuniões do conselho desta academia. A estas concessões não era alheio o espírito regenerador do governo e a importância dada a “promover e difundir, por todos os meios possíveis, os conhecimentos científicos e literários”.

Nos anos que se seguiram observou-se um salto qualitativo e quantitativo da academia científica e literária, havendo a necessidade de aprovar novos estatutos e regulamento interno, o que sucedeu em 1859. Uma das alterações que se destaca é a independência completa do IC relativamente à Academia Dramática com a eliminação do artigo 4.º dos Estatutos de 1852, que previa a prestação de toda a colaboração científica e literária do IC à Academia Dramática. Os novos estatutos foram aprovados a 26 de Dezembro de 1850, por decreto assinado por Fontes Pereira de Melo e foram confirmados por carta régia de D. Pedro V de 30 de Abril de 1860.

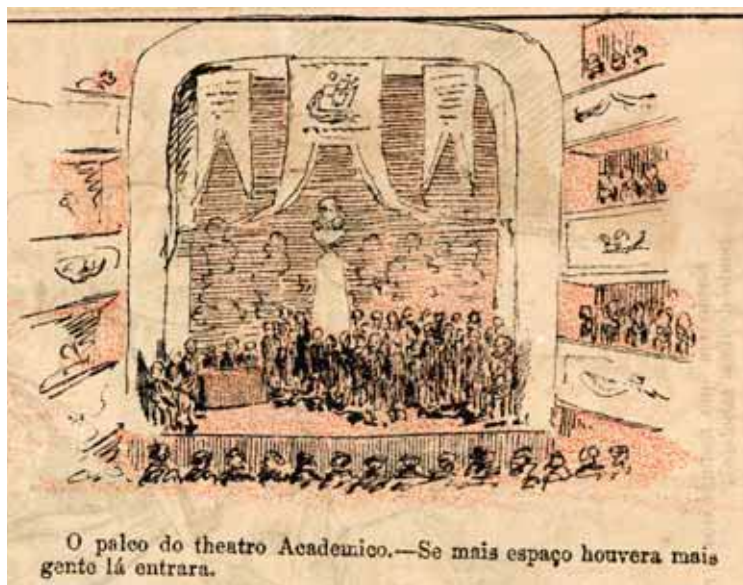
Em 1868, a Universidade, devidamente autorizada pelo governo, cedeu ao IC o primeiro andar do antigo Colégio de São Paulo Eremita, na Rua Larga 44 (no local onde hoje se situa o Departamento de Química da Faculdade de Ciências e Tecnologia), que deixou de coabitar com o Clube Académico criado no Colégio de São Paulo Apóstolo em 1861.¹⁰ Dos edifícios de ambos os Colégios de São Paulo não restam hoje quaisquer vestígios.¹¹ Em 1868 o Clube Académico funde-se com a Academia Dramática dando origem à Associação Académica e Dramática. Finalmente, em 1887, esta associação passa a designar-se Associação Académica de Coimbra (AAC). A AAC, depois de várias mudanças, acabou em 1913 por ocupar o rés-do-chão do Colégio de São Paulo Eremita.

10 SARAIVA 1983, p. 12.

11 O Colégio de São Paulo Apóstolo veio a ser demolido em 1888, dando lugar ao edifício do Teatro Académico que, já na segunda década do século xx foi cedido à Faculdade de Letras, recém-criada. Deste último, demolido em 1942, manteve-se a cúpula na Sala de Leitura da actual Biblioteca Geral, inaugurada em 29 de Maio de 1956. O Colégio de São Paulo Eremita foi também demolido em 1942, por altura das grandes obras realizadas na Alta Coimbrã.

8 *O Instituto*, n.º 5, de 1 de Junho de 1856.

9 MATOS 2000



Desenho de Sebastião Sanhudo do interior do Teatro Académico, em *O Sorvete*, no 157 (14 Maio 1881)

A INFLUÊNCIA DO INSTITUTO DE COIMBRA

É incontornável a acção do Instituto de Coimbra e da sua revista *O Instituto* para a evolução da ciência, da cultura e do ensino em Portugal. A lista de sócios e colaboradores inclui uma boa parte dos maiores pensadores, cientistas, políticos, escritores, pedagogos e artistas portugueses dos séculos XIX e XX, mas também alguns estrangeiros de renome nas mais diversas áreas como o matemático francês Emile Picard, o químico alemão Bernhard Tollens (contratado em 1870 pela Faculdade de Filosofia para dirigir o Laboratório Químico, tendo ficado em Portugal menos de um ano)¹², o escritor espanhol Miguel Unamuno, o presidente francês Raymond Poincaré (primo do célebre matemático Henri Poincaré) e o cardeal e académico francês Alfred Baudrillart, entre outros.

Ao contrário da Academia Real das Ciências de Lisboa, que nasceu da necessidade prática de uma academia científica em Portugal, por influência da Academia das Ciências de Paris, as origens do IC foram acentuadamente sociais e coimbrãs.¹³ Esta sociedade nasceu de uma vontade de desenvolver as ciências e as artes no nosso país, suscitada, como foi dito, pelo vazio que se fazia sentir ao nível deste género de associações, em Coimbra e no país.

Tendo nascido no seio da UC, sempre se manteve intimamente ligado a esta, a ponto de a história do instituto se confundir com a história da universidade. A designação comum *Clube dos Lentes* traduzia o facto de a maioria dos seus sócios serem professores universitários de Coimbra.

Na revista *O Instituto* foram publicados vários programas dos cursos ministrados na universidade. Nela se fez a divulgação da actividade científica produzida em Coimbra até ao final do século XIX, situação que se alterou com a criação do *Arquivo Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, em 1901, da *Revista da Universidade*, em 1912, da responsabilidade da BGUC, da revista *Biblos*, em 1925, da responsabilidade da Faculdade de Letras e da *Revista da Faculdade de Ciências*, em 1931.

Não obstante a sua forte ligação à Universidade de Coimbra, o IC não era dependente desta. Desempenhou uma função complementar da da universidade pela rede de relações que conseguiu estabelecer com instituições nacionais e internacionais, e pelos simpósios, congressos e cursos livres e populares que organizou. Ajudou, sem dúvida, a projectar a universidade no país e no estrangeiro.

As suas relações com a comunidade científica internacional traduziram-se também pela participação de académicos portugueses em congressos noutros países e pela posterior publicação dos respectivos relatórios n' *O Instituto*. Um dos primeiros exemplos foi o professor da Faculdade de Filosofia Matias de Carvalho de Vasconcelos, sócio efectivo do instituto desde 1855, que se tornou correspondente em 1860, tendo sido encarregado pela sua faculdade de integrar uma comissão científica em países estrangeiros em Dezembro de 1857.¹⁴ Foi o único português a estar presente no congresso de Química de Karlsruhe em 1860 que estabeleceu, definitivamente, a hipótese de Avogadro, uma decisão que unificou e consolidou a ciência química. Refira-se, também, a Conferência Internacional de Paris para a determinação de unidades eléctricas em 1881, onde Portugal esteve representado por outro professor da mesma faculdade, António dos Santos Viegas, sócio e presidente do instituto desde 1885. Outros exemplos foram os congressos de Granada e Madrid, em 1911, da Associação Espanhola para o Avanço da Ciência, nos quais esteve presente Francisco Miranda Costa Lobo, futuro presidente do Instituto (em 1913-1945). A estes seguiram-se, na mesma série, os congressos de Valladolid, Sevilha e Bilbao, respectivamente em 1915, 1917 e 1919. Costa Lobo esteve presente nos I e II Congressos da União Matemática e Internacional, o primeiro em Estrasburgo em 1920 e o segundo em Toronto em 1924. Também esteve presente, como presidente do comité português, nas II, III, IV e V Assembleias-Gerais da União Internacional Astronómica, realizadas respectivamente: em Cambridge (Inglaterra) em Julho de 1925, em Leiden em Julho de 1928, em Cambridge (Boston, EUA) em Setembro de 1932 e em Paris em Julho de 1935.¹⁵ *O Instituto* colaborou na organização de congressos internacionais no nosso país,

¹⁴ Os seus relatórios dirigidos à Faculdade de Filosofia foram publicados n' *O Instituto*, vol. 7º, pp. 110, 134, vol. 8º, pp. 22, 50.

¹⁵ LOBO (1938), p. 6.

¹² CARVALHO (1953), p. 729.

¹³ Retirado de *A velha alta...desaparecida* (1984), p. 5.



Parte da fachada da Faculdade de Letras, demolida em 1942 para dar origem à actual Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Coleção Alexandre Ramires

como os congressos mistos das Associações Portuguesa e Espanhola para o Avanço das Ciências em Coimbra, em 1925¹⁶, e em Lisboa, em 1932.

De não menor importância foi a relação desta academia científica e literária com a população não académica. Organizaram-se os cursos livres, destacando-se alguns proferidos por Bernardino Machado, Afonso Costa e Manuel da Silva Gaio, e a *Biblioteca Para Todos*. Estas iniciativas, que tinham por objectivo promover a instrução e a civilização por todo o país, permitiram também diminuir o fosso entre a comunidade académica e a restante população coimbrã.

¹⁶ Este congresso reuniu em Coimbra, de 14 a 19 de Junho de 1925, as maiores individualidades portuguesas e espanholas nas áreas científicas — Ciências matemáticas, Astronomia e Física do Globo, Ciências Físico-Químicas, Ciências Naturais, Ciências Sociais, Ciências Históricas, Filosóficas e Filológicas, Ciências Médicas e Aplicação (*Notícia do Congresso de Coimbra. Congresso Misto das Associações Portuguesa e Espanhola para o Progresso das Ciências*. 1925. O Instituto. vol. 72.º Coimbra., p. 508).

Anselmo Ferraz de Carvalho (então Presidente) discursa na sessão comemorativa do centenário do IC. Foto do espólio do IC, 1953



Focando-nos na ciência, as páginas d'*O Instituto* dão conta da história da ciência em Portugal e no mundo. Artigos como o de Edgar Savenezes¹⁷, que relata a evolução da Termodinâmica até 1860, ou de Vieira de Meireles¹⁸ em que se relata a história da Física em Portugal, ou a série de artigos de Sousa Viterbo¹⁹ sobre inventores portugueses, e outros, apresentam a história da ciência entre nós e além-fronteiras. Mas também é feita história nestas páginas, como na proposta pioneira de Adriano Paiva²¹ para a utilização do selénio na “telescopia eléctrica”, uma tecnologia precursora da televisão. A meteorologia e a geofísica foram áreas que despertaram grande interesse na academia coimbrã, em particular na segunda metade do século XIX, dando continuidade a uma actividade iniciada no princípio do século. O lente de Filosofia Constantino Botelho de Lacerda Lobo realizou as primeiras observações meteorológicas no Gabinete de Física em 1812. Nos primeiros volumes d'*O Instituto* foram publicadas muitas observações meteorológicas, algumas realizadas em Coimbra por Matias de Carvalho, tendo o interesse por esta área da geofísica impulsionado a aquisição de um terreno, em 1862, para a construção do Observatório Meteorológico e Magnético, fundado em 1864.²² Jacinto António de Sousa, professor de Física e sócio efectivo do instituto, foi o seu primeiro director.

Colégio de S. Paulo Eremita, na Rua Larga, ou “A Bastilha” segundo a tradição académica, demolido na década de 1940 a fim de permitir a construção dos Departamentos de Química e de Física (Retirado de *A velha alta...desaparecida*. Coimbra, 1984, p. 34 e 35)



17 SAVENESES, Edgar - “Equivalência do calor e trabalho mecânico”. vol. 13.º, 11, 60, 79, 129.

18 MEIRELES, Vieira de - “Apontamentos para a história da Física em Portugal”. vol. 15.º, p. 57. Vol. 16.º, pp. 5, 28, 54.

19 VITERBO, Sousa - “Inventores Portugueses” in *O Instituto*. Coimbra, Imprensa da Universidade. vol. 48.º, pp. 50, 127, 236, 317, 402, 457, 564, 635, 712, 787, 853, 911; vol. 49.º, pp. 37, 101, 166, 237, 303; vol. 61.º, pp. 101, 250, 294, 362.

21 PAIVA, Adriano - “A telefonia, a telegrafia e a telescopia”. vol. 25.º, p. 414.

22 LOPES, Adriano de Jesus - “Observatório Meteorológico e Magnético da Universidade de Coimbra”, in *O Instituto*. Coimbra, Imprensa da Universidade. vol. 40.º, p. 201.

Devem também ser mencionados os artigos de Teixeira Bastos²³ sobre os raios de Roentgen, a reacção negativa de Gago Coutinho²⁴ à teoria da relatividade de Einstein, os relatórios de Costa Lobo sobre os trabalhos realizados no Observatório Astronómico e vários artigos de Mário Silva²⁵, aluno de doutoramento de Marie Curie e notável professor de Física.

Na área da arqueologia, o Museu de Antiguidades do instituto abriu portas à criação do Museu Nacional Machado de Castro, que englobou um acervo de peças descobertas nas escavações de Conímbriga, próximo a Condeixa. Estas pesquisas arqueológicas foram desencadeadas pelo IC²⁶ bem como o restauro da Sé Velha.²⁷ O IC organizou no rés-do-chão do Colégio de São Paulo Eremita um Museu de Antiguidades cujo recheio foi o ponto de partida do Museu Nacional Machado de Castro, criado pelo decreto-lei de 26 de Maio de 1911.

Finalmente, a influência do IC também se fez sentir no poder político, através do relacionamento muito próximo com diversos governantes, muitos deles sócios ou ex-sócios do instituto, a começar pelo primeiro “grande benemérito”²⁸ Fonseca Magalhães, pelo Duque de Saldanha, mas também pessoas como Afonso Costa, Teófilo Braga, Bernardino Machado (Machado publicou na revista do IC vários artigos dedicados ao ensino²⁹ e à física³⁰), Sidónio Pais e António de Oliveira Salazar (membro dos corpos gerentes entre 1919 e 1925). A proximidade do poder político contribuiu para condicionar a simpatia da população estudantil, o que causou, em alguns momentos, um certo desconforto em muitos sócios, nomeadamente após a implantação da República em 1910. O episódio da Tomada da Bastilha, ocorrido a 25 de Novembro de 1920, no qual estudantes da AAC ocuparam as instalações do IC, situadas no primeiro andar do Colégio de São Paulo Eremita ficou como símbolo da luta contra a opressão e a tirania em Coimbra. Ainda hoje é um evento festejado pelos estudantes.

23 BASTOS, H. Teixeira - “Raios X de Röntgen”, in *O Instituto*. Coimbra. Vol 43.º, p. 38, 274

24 COUTINHO, Gago - “Tentativa de interpretação simples da ‘Teoria da relatividade restrita’”, in *O Instituto*. Coimbra. vol. 73.º, pp. 354, 540, 637.

25 SILVA, Mário e Laport, Marcel - “Chimie Physique. Mobilité des ions négatifs et courants d'ionisation dans l'argon pur”, in *O Instituto*. Coimbra. vol 73.º, p. 783.

26 CASTRO, Miguel Osório Cabral de - “Relatório dos trabalhos da secção de arqueologia do Instituto de Coimbra”, in *O Instituto*. vol. xx, 1874, p. 86.

27 FORJAZ 1953, p. 724.

28 XAVIER 1992, p. 28.

29 Tais como: “A Educação Nova em Espanha” (Machado, vol. 43.º, p. 494), “O Estado da Instrução Secundária entre Nós” (Machado, vol. 30.º, p. 466) e “A Reforma da Instrução Secundária” (Machado, vol. 43.º, p. 752).

30 Em particular a óptica com o artigo “Teoria Mecânica da Reflexão e da Refracção da Luz” (Machado, vol. 21.º, pp. 22, 70; vol. 22.º, pp. 13, 65, 102, 158, 221, 282; vol. 23.º, p.7).

BIBLIOGRAFIA:

CALADO, Rafael Salino - *Memórias de um estudante de Direito*. Coimbra : Coimbra Editora, 1942

CARVALHO, Joaquim – “Alocução proferida na sessão comemorativa do 1.º Centenário do Instituto de Coimbra em 20 de Dezembro de 1953”. *O Instituto*. [Coimbra], vol. 115.º, 1953, p. 728-731

COLÉGIOS (Os) da Alta coimbrã: *Episódios da vida académica*. Coimbra : Arquivo da Universidade de Coimbra, 1987, p. 28-30

FORJAZ, António Pereira – “O Instituto e o seu Fundador”. *O Instituto*. [Coimbra], vol. 115, 1953, p. 719-727

FORMOSINHO, Sebastião J. - O início da química e a sua recepção em Portugal. *Museu da Ciência: Luz e matéria*. Coimbra : Universidade de Coimbra, 2006, p. 116-130

ÍNDICES ideográfico e onomástico: volumes 1.º a 90.º. [Coimbra] : O Instituto, 1937 (Figueira da Foz: Tipografia Popular)

LOBO, Gumersindo Sarmiento da Costa – “A Assembleia Geral da União Astronómica Internacional de 1935 e as comissões de física solar”. *O Instituto*. [Coimbra], vol. 93, 1938, p. 293-307

LOUREIRO, J. Pinto - Prefácio. *Índices ideográfico e onomástico: volumes 1.º a 90.º*. [Coimbra] : O Instituto, 1937

MARTINS, Décio Ruivo – “As ciências físicas em Coimbra desde 1850 até 1900”. *Gazeta de Física*. Lisboa, vol. 24, fasc 1, 2001, p. 15-19

MARTINS, Décio Ruivo; Fiolhais, Carlos – “As ciências exactas e naturais em Coimbra”. *Museu da Ciência: Luz e matéria*. Coimbra : Universidade de Coimbra, 2006, p. 70-115

MATOS, Ana Cardoso de - “Os agentes e os meios de divulgação científica e tecnológica em Portugal no século XIX”. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidade de Barcelona, 2000. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-69-29.htm>

SARAIVA, Jorge António Lima - *Academismo, ideologia e história: O Instituto de Coimbra (1919-1945)*. Coimbra : Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993

VELHA (A) Alta...desaparecida: *Álbum comemorativo das Bodas de Prata da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra*. Coimbra : Almedina, 1984

XAVIER, Filipe J. do Couto - *Academismo e história em Coimbra na 2ª metade do século XIX: O Instituto*. Coimbra : Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1992

AGRADECIMENTOS

A Jorge Pais de Sousa e a Alexandre Ramires pelas suas preciosas colaborações.

